



Super-8: opção para produções de baixo custo, valoriza manifestações mais espontâneas

CINEMA

AS SETE VIDAS DO SUPER-8

VHS, Betamax, Super VHS, Betacam, Mini-DV e HDTV. Os formatos tecnológicos do audiovisual eletrônico evoluíram muito nos últimos 30 anos. Mas em meio a toda essa variedade de padrões e formatos, analógicos ou digitais, uma bitola cinematográfica muito popular, surgida nos anos 1960, ainda encontra usuários apaixonados. Competições internacionais como o Straight8 (<http://www.straight8.net/straight8b.htm>) mantêm vivo o culto ao Super-8. Criado por dois cineastas radicados em Londres, o Straight8 funciona de forma bastante simples: quem se registra recebe um cartucho numerado de Super-8 virgem, para filmar o tema que quiser, sem edição fora da câmera. O mate-

rial filmado deve ser então remetido aos organizadores do Straight8, e o filme pode acabar sendo exibido em festivais como o de Cannes, onde o diretor poderá ver pela primeira vez sua obra finalizada. Fashion? Pois bem: o tempo passa, mas o Super-8 não perde o charme.

Lançado pela Kodak em 1965, o Super-8 é uma evolução da película 8mm, com uma superfície maior de imagem. Nos anos 1960 e 1970, fez muito sucesso entre cineastas amadores e como formato de audiovisual doméstico, precursor do VHS nos anos 1980, e do mini-DV na década seguinte. Festivais de Super-8 multiplicaram-se pelo país e o formato foi muito utilizado por artistas experimentalistas do mundo todo. Versão miniaturizada do cinema *standard* (35mm), o Super-8 se beneficiava de uma câmera portátil de baixo custo e fácil de usar. Por outro lado, também demandava revelação e montagem do material filmado. Hoje, o Super-8 é praticamente desconhecido do



Filmagens do clipe do cantor de rap Gog, 2001, realizado por equipe de Campinas (SP)

grande público. Mas alguns cineastas não abrem mão dessa bitola.

Campinas, no interior paulista, foi e continua sendo reduto de apaixonados por Super-8. O fotógrafo e cineasta Henrique de Oliveira Jr., hoje com 87 anos, lembra que entre 1970 e 1982 era realizado anualmente o Festival de Cinema Super-8 na cidade, exibindo filmes do Brasil inteiro. Diretor de *Bailado* (1980) e *Tabela* (1977), juntamente com o grupo Equipe Pesquisa 8, ganhou vários prêmios e conserva em sua casa equipamentos Super-8 funcionando perfeitamente. Para quem como ele o Super-8 foi uma verdadeira escola de cinema, “nada substitui o contato com a película”. Ele considera, ainda, que o vídeo não supera a qualidade de imagem do Super-8.

UNDERGROUND Lucas Vega, um dos organizadores do Festival de Cinema Super-8 de Campinas desde 1997, comenta que o Super-8 foi lançado num momento de mudanças sociais

e movimentos como a contracultura e a Tropicália. Superoitista “de carteirinha”, ele observa que artistas plásticos, músicos e até engenheiros começaram a fazer filmes em casa, utilizando todo o sistema de venda e revelação montado para satisfazer o mercado doméstico de Super-8: “é um cinema pra lá de marginal”. Vega acrescenta que, “tecnicamente, o Super-8 tinha uma dimensão muito humana, muito ligada ao teatro, pois por ser um filme reversível (que não tem negativo), ele não tem cópias – é muito caro fazer uma cópia em Super-8. Assim, o filme só pode ser projetado em um lugar de cada vez, o que contraria a dimensão contemporânea de reprodutibilidade técnica”.

FEIÇÃO CASEIRA Rubens Machado, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador de cinema Super-8, reconhece três características peculiares da bitola: “o Super-8 facilita, em primeiro lugar, a produção

pobre, sem recursos, mais elementar no custeio e mais autônoma, o que o leva para mais perto de manifestações de expressão mais espontânea, como a música, a literatura. Em segundo lugar, tem um lado meio “brinquedo”, de jogo lúdico, é um eletrodoméstico de fácil manuseio. Em terceiro lugar, o Super-8 tem ainda outro lado meio ‘coisa de família’, de sociabilidade privada, com os rituais mais soltos”, descreve. Nestes três aspectos ele guarda um inesperado parentesco com certas tendências históricas do cinema brasileiro, como se exagerasse inclinações naturais do nosso fazer cinematográfico mais inelutável, tradicional. Talvez algo muito próximo do que conclamava o cineasta Rogério Sganzerla, no final dos anos 1960, quando dizia que precisávamos nos dedicar a fazer ‘filmecos’ subdesenvolvidos”.

Em São Paulo, o artista plástico Marcos Bertoni tem uma relação de afeto especial em relação à película e ao filme projetado na tela. Fascinado com as imagens de mestres como Serguei Eisenstein ou Jean-Luc Godard manipulando películas, Bertoni começou a rodar Super-8 com 18 anos, tentando fazer um *remake* de *Cleópatra*. Para ele, o contato manual com a película é algo mágico. Tanto que lançou o “movimento Dogma 2002”, uma paródia do Dogma dinamarquês em que tudo é permitido, menos filmar. O cineasta passa a trabalhar essencialmente com a reciclagem, misturando trechos de filmes em Super-8, originais ou cópias, e dublando-os, no intuito de criar uma nova obra. Trata-se de uma radicalização da citação ou colagem, em filmes sempre paródicos e debochados. A brincadeira de Ber-

toni rendeu filmes criativos e inspirados que arrebataram prêmios, como *Dr. Eckardt* (2002, 18 min.), vencedor do prêmio de Melhor Roteiro, Montagem e Edição de Som em Super-8 no 31º Festival de Gramado, também em 2003.

“É por este ‘brincar de fazer cinema’, que o Super-8 convoca, mais que qualquer outra modalidade. É uma caricatura do cinema na medida em que, além da sua ritualização mais espontânea, amplia todos os ‘defeitos técnicos’ próprios do específico filmico, responsáveis, por exemplo, pela fotogenia, e pela sensação que temos ao ver um filme. Daí o interesse persistente pela “simpática bitola”, para usar a expressão de Edgar Navarro, entre cineastas experimentais.

SERVIÇO São poucos os laboratórios que ainda prestam serviços de Super-8. A Kodak fornece o Kodachrome positivo Super-8, utilizando um serviço de remessa incluído no preço do filme. Alguns laboratórios de grande porte revelam negativo, mas em circunstâncias especiais. Na Califórnia, a empresa Pro8mm comercializa, processa e faz a telecinagem de filme Super-8, e no Reino Unido, a Super-8 Transfers presta serviços de telecine para superoitistas. Para quem tem interesse em se aventurar pelo Super-8 no Brasil, a compra de material e revelação dos filmes podem ser feitas na AGF Laboratórios e nos Estúdios Mega, em São Paulo, ou através de sites europeus e norte-americanos especializados, tais como www.k14movie.com, www.yalefilm.video.com e www.super8sound.com.

Alfredo Luiz Suppia

PRODUÇÃO DE SUPER-8 É ALTA, MAS EXISTEM POUCOS LABORATÓRIOS

Artur George Facciolo, 30, começou a trabalhar com Super-8 inspirado em seus pais. Laboratorista conhecido, ele comenta que os custos dos filmes importados ainda são altos. A solução seria investir na produção nacional. Sua empresa, a AGF Laboratórios, revela, em média, 5 a 10 filmes Super-8 por semana, vindos do Brasil e outros países.

Na sua opinião, por que o Super-8 continua sendo usado por alguns realizadores?

A bitola Super-8 possui características únicas, como textura e grão, que não são encontradas em nenhum outro formato. Além disso, é a forma mais barata de se produzir filmes, com qualidade semelhante ao 16mm e 35mm. Existe, inclusive, quem produza somente em Super-8 mas, quando questionados sobre o assunto em algum festival, dizem ter produzido em 35mm. Este fato esconde a qualidade do Super-8 e o torna restrito somente aos mais entendidos no assunto.

Como está o Brasil em termos de produção Super-8, abastecimento e prestação de serviços nessa bitola, comparado ao resto do mundo ?

Os custos alfandegários ainda são altos. A solução é fabricar o filme no Brasil. Apesar das dificuldades sempre enfrentadas, pode-se dizer que o país esteja em quarto lugar como realizador de Super-8, perdendo para os EUA e União Européia. Por incrível que pareça, existe também uma febre desse formato atualmente na Grécia, com produções e festivais ainda superiores ao Brasil. O grande problema é que pode-se contar nos dedos o número de laboratórios de processamento de Super-8 no mundo. Isto, por um lado, é bom porque aumenta e concentra o movimento em quem revela o formato, porém cria também o problema de distância entre o realizador e o laboratório, o que desencoraja muitos adeptos desse maravilhoso formato.

O Super-8 é uma bitola tradicionalmente silenciosa, mas a AGF presta serviços de sonorização do filme para alguns clientes. Como isso funciona?

A AGF Laboratórios é provavelmente a única empresa no mundo a desenvolver uma máquina específica para aplicação da banda magnética e sonorização do Super-8. Trata-se de uma máquina desenvolvida pelo próprio laboratório para aplicar óxido de ferro líquido na lateral do filme, assim como era executado antes pela Kodak. Após a aplicação, o som pode ser gravado no filme em uma sonorizadora específica ou um projetor sonoro. Também estamos nos preparando para fabricar e encartuchar o Super-8 no Brasil, fornecendo assim filmes por um custo muito mais baixo.